

Show de Truman: Brasília cenográfica

BETO SALES

Secretário adjunto de Cultura do DF

Cravada pelo sonho e obstinação de JK no cerne do quadrilátero demarcado 64 anos antes pela Missão Cruls no cerrado brasileiro, Brasília se realizou como monumento da arquitetura moderna quando a arquitetura moderna encofrava-se na linha de tiro dos pensadores de esquerda profissionais. A lógica da crítica era redutora da sofisticação do debate: cidades planejadas seriam cerceadoras dos processos de troca social inerentes à complexificação da cena urbana. Só.

O projeto da nova capital da República se desenvolveu simultaneamente ao surgimento de um Brasil desonorado do fardo do fracasso, na cauda luxuosa da conquista da Copa de 1958. A terra prometida cerradense atraiu levas de brasileiros que colaram suas utopias pessóais à utopia nacional. Brasília se ergueu como uma espécie de terceiro tempo de um imaginário Brasil e Uruguai, em que o Gighia desceria o túnel do Maracanã empurrado pelo mesmo sentimento de luto que uma página torta da história cismou de punir uma nação com um grito em hiato na garganta.

O "x" de Lucio Costa se revelava incógnita de uma equação que o Brasil resolveu pela fórmula

da ousadia, a perceber a estranha sensação de que era possível realizar um projeto nacional daquele porte, a mais importante aventura épica de nossa história. E mais exótico: dar certo. O risco genialmente simples sobre o qual o inventor de Brasília descreveu sua idéia de cidade produziu o efeito de caixa de Pandora às avessas, libertando imensos contingentes de brasileiros do jugo da imposição cultural de um país litorâneo. A cidade imaginada por Lucio e paginada por Niemeyer foi saudavelmente interferida pela intensificação das diferenças culturais e tensões sociais, e se viu desmentindo o conceito-estigma de cidade-simulacro, em que a participação política é desconstruída pela idéia de um ambiente urbano comportado, cenográfico.

Ao chamar para si as contradições de utopias individuais, Brasília abraça o conflito entre a cidade semântica e a cidade idealizada. O cerne do embate guarda o movimento pendular entre a expansão de fronteira decorrente das trocas sociais e a inércia que a força voltar à segurança do conhecido. Lendo, no entanto, com atenção às sutilezas, o memorial descritivo de Lucio Costa, vemos revelar-se

uma cidade em que o humano encontra caminho desimpedido em sua rota de instalação no amago do monumental.

A dinâmica de inter-relação entre as escalas do projeto abre-se para as novas experiências do devir histórico. Nada, porém, que se preste a alibi para os atos de violência que desfiguram a anima do risco inusitado de Lucio. Muito menos à submissão a que nos entregamos idiotamente ao moldarmos a cidade pela imposição da cultura do consumo ou pela rendição ao automóvel, este muito mais nocivo que qualquer ruído inesperado produzido pela interação social.

O Plano Piloto fermenta o conflito de deter 80% dos empregos formais do DF, reunindo somente 18% de sua população. A troca social se impõe inevitavelmente, a esculpir o ambiente urbano pela circunscrição de cheiros, jeitos, alegrias, tristezas, sotaques, efusões, impulsos, fugas, neuras furtivas tão ao jeito das vidas das pessoas. Já não cabe, portanto, esperar que as janelas das superquadras se prestem a paspatur de um cenário previsível, gravura asséptica a abrandar maus humores dos que não desejam

dividir Brasília com seu destino inexorável.

Não vivemos mais num simulacro de cidade, em que, segundo nos lembra a geógrafa Rosa Moura, "o crescente poder político e social das simulações do real se impõe como substituto lógico e comportamental para eventos e condições materiais reais". A cidade-cidadela fecha-se em enclaves, e, segundo ainda Rosa Moura, "torna-se inóspita ao acolhimento do outro e cristaliza-se na cidadela, que é lugar fortificado onde só se reconhece o mesmo". É tal Seaheaven, em *Show de Truman*, cidade-cenário de um reality show em que o protagonista, a par de toda a segurança de um enredo preestabelecido, decide ganhar o mundo do imprevisível.

Ainda que as ações de afirmação de um Distrito Federal sob o signo da lei, após anos e anos de subversão das regras mínimas de uso e ocupação do solo pela farra da permissividade, sejam impositivas, necessariamente contínuas, e patrimônio da administração Arruda, aos que insistem em fantasiar a Brasília-lego de seu egoísmo, uma má notícia: a Brasília imperfeita veio para ficar. Rica e intensamente humana. Linda em seu jeito singular de ser.